



COORDENAÇÃO ROSA NEVES SIMAS E CLARISSE CANHA | www.umaracores.org | geral@umaracores.org

Nota de Abertura ROSA NEVES SIMAS



Dos Direitos Humanos às Questões Civilizacionais

No mês passado, terminámos com um dado curioso: Portugal adotou a Declaração Universal dos Direitos dos Animais, em janeiro de 1978, ANTES de aderir à Declaração Universal dos Direitos Humanos, em março de 1978, e à Convenção Europeia dos Direitos Humanos, em novembro de 1978. (Lembro que, em 1978, o Ministro dos Negócios Estrangeiros era o açoriano Medeiros Ferreira.)

Isto leva-me à polémica que se instalou quando, no ano passado, a Ministra da Cultura defendeu que o combate às touradas de morte era “uma questão civilizacional”. Na altura, os defensores da tauromaquia ficaram exaltados, levantando-se em massa para defender aquilo que acham ser o seu direito.

Porém, os direitos de uma pessoa estão condicionados pelos direitos de outro ser. É aqui que reside o problema: em eventos onde um touro é sujeito a grande sofrimento, até à própria morte, são aniquilados os direitos de um ser vivo, o touro.

O sermos humanos não nos dá o direito de maltratar, abusar e matar outros seres, ainda por cima para nosso entretenimento. A Ministra tem razão: esta é uma questão civilizacional, das mais elementares, baseada na perspetiva antropocêntrica, que coloca o homem no centro da Criação, com o direito a explorar tudo à sua volta, como quer.

Esta mentalidade levou a nossa civilização à beira de um abismo, com o meio ambiente arrasado e o planeta ameaçado. É urgente adotarmos uma perspetiva biocêntrica, baseada no respeito pelo ecossistema, pelos direitos da Natureza. ♦

Chuva negra em São Paulo Greve Climática Global – Açores presente

Dum testemunho do Brasil às ações por cá e no mundo. A Greve Climática Global

CLARISSE CANHA
UMAR-Açores

O testemunho é de Miriam Nobre, da Marcha Mundial das Mulheres. “Estávamos a reunir num debate sobre o conservadorismo e o desmonte da democracia, e quando estávamos debatendo, de repente o céu ficou preto, aqui na cidade de São Paulo, parecia uma metáfora de que a noite tinha invadido o dia. Mas não era só uma metáfora era a realidade da vida, porque uma tempestade muito forte chegou a São Paulo, com as nuvens baixas, só que essa tempestade forte foi precedida de um céu de fuligem. Quem recolheu água da chuva por um acaso, viu que a água ficou preta.”

Miriam Nobre, explica o processo de destruição da Amazônia e da natureza, e traz alertas sobre as falsas soluções apresentadas pelo capitalismo,



e também caminhos para a resistência a este governo de Bolsonaro e à financeirização da natureza.

Por cá aconteceu solidariedade e ação. Na quarta-feira, 28 de agosto, duas dezenas de pessoas, juntaram-se em Ponta Delgada. “Numa iniciativa do Núcleo da Cidadania Climática - Açores, entregámos uma carta solidária com o povo brasileiro, pela Amazônia. Como o consulado em Ponta Delgada foi encerrado há cerca de um

ano, resolvemos enviar a carta por correio.”

“Por uma Greve Climática Global. Greve Climática Global 20-27 setembro” é um importante movimento pela justiça climática a decorrer no mundo.

Nos Açores o Núcleo Cidadania Climática-Açores / Greve Climática Açores, aderindo a este desafio global aposta na dinamização de uma série de iniciativas, algumas das quais foram em agosto. 28 agosto: en-



trega de Carta solidária com o povo brasileiro, pela Amazônia. E, a 30 agosto, duas ações nas Portas do Mar: às 18h00, divulgação da Greve Climática e 1º debate sobre o Manifesto para os Açores, e às 19h00 Cordão Humano Unidos pelo Mar.

Em Portugal, incluindo Açores, vários movimentos, associações e grupos informais estão empenhados na luta pela justiça climática, e responderam ao apelo internacional para a realização de uma Greve Global pelo Clima. Está a ser organizada uma semana de mobilizações que acontece entre 20 e 27 de setembro culminando com a Greve Climática no dia 27.

<https://www.facebook.com/greveclimaticaacores>
<http://salvaroclima.pt> ♦

Agosto de 2019

Janela sobre o passado...

Após o desfecho da II Guerra Mundial, o mundo ocidental registou algumas mudanças no que toca ao universo feminino. Em França, as mulheres conquistaram a igualdade constitucional em 1946. O seu desempenho na defesa do país e no movimento de

La Résistance esteve na base desta medida revolucionária, que visava uma sociedade mais justa e mais igual. Também na Alemanha Ocidental, a Lei Fundamental, de 1949, reconheceu a igualdade das mulheres como um princípio básico da democracia moderna e uma antítese da prática nazi. Uma das principais responsáveis por esta inovação legal, foi a advogada e líder social democrata Elisabeth Selbert, que defendia que a igualdade feminina devia assentar no mérito e não no facto de homens e mulheres serem iguais, enquanto pugnava para que a maternidade não impedisse a conquista da igualdade, nem a reivindicação de salários iguais. Porém, em muitos outros países não surgiram medidas signifi-



SUSANA
SERPA SILVA

cativas que visassem uma melhoria da condição feminina. A “questão da mulher” surgia integrada nas políticas familiares cujo objetivo assentava no incentivo à maternidade, com vista a suplantar o revés demográfico imposto pela guerra. A célula familiar e o papel

reprodutivo da mulher assumiram, pois, um destaque contraditório com as ideias e garantias individuais femininas. No mundo ocidental, as políticas reforçaram a dependência das mulheres face aos homens, a sua responsabilidade pela casa e pela educação dos filhos. Os anos 50 representaram uma década de favorecimento da família, com a universalização do modelo do Estado Providência, o aumento das taxas de matrimónio, o famoso *baby boom* e o crescimento dos bairros da classe média. Renasceu o papel social da mulher como “anfitriã do marido”, sustentada numa imagem de elegância e feminilidade inspirada no *New Look* original da Casa Dior: cinturas muito finas, casacos curtos e saias



Elisabeth Selbert (1896-1986). Considerada uma das “Mães da Lei Fundamental”.

Fonte: <https://www.esgf.de/index.php/ueberuns/elisabeth-selbert>

rodadas. Assim, enquanto triunfavam as “rainhas do lar”, nas suas casas suburbanas, repletas de modernos artefactos e de inovadores eletrodomésticos, que conferiam à cozinha um lugar dominante — símbolo da nova sociedade da abundância, de matriz norte-americana —, nalguns círculos ecoavam os ecos da obra de Simone de Beauvoir (de quem falamos no mês anterior) e as gerações mais novas davam sinais de rebeldia e de inconformismo. Aproximavam-se revoltas juvenis e novas lutas de cariz feminista ... ♦